

## ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E MÚSICA COMO RECURSO PEDAGÓGICO

Jadson Themistocles da Silva<sup>1</sup>  
Jessiclea Lima<sup>2</sup>  
Lucinéia Contiero<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo marca o resultado da experiência de desenvolvimento do projeto de *pesquisa-ação* “A música como ferramenta pedagógica ao ensino da língua inglesa”, cujo objetivo principal foi centrar esforços na utilização da música como principal recurso didático-pedagógico, utilizada por meio de equipamentos tecnológicos de som e imagem como vídeo, TV, aparelho de som, data show. O projeto foi desenvolvido junto à escola Municipal Genésio Cabral de Macêdo, de São Gonçalo do Amarante RN, com alunos de Ensino Fundamental II, no período de início de abril ao final de junho do corrente ano. Dois momentos distintos de intervenção que se complementam foram propostos: no primeiro, o foco foi expor aos estudantes o quão útil e importante a aprendizagem de um novo idioma pode ser; em seguida, foram desenvolvidas sequências didáticas utilizando a música como recurso lúdico central afim de despertar nos estudantes o interesse pelo desafio de aprender um novo idioma. A pesquisa-ação teve como apoio bibliográfico contribuições de vários teóricos, como Pimenta (2016) e Swanwick (2014), entre outros, e, principalmente, de Ghedin (2018), além de discussões de planejamentos realizados coletivamente em encontros semanais no Laboratório de Ensino Aprendizagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A experiência nos levou a perceber que a música pode ser usada, eficazmente, como um satisfatório recurso didático em sala de aula, comprovação a ser compartilhada, ainda que de forma concisa e breve.

**Palavras-chave:** Pesquisa ação, Professor reflexivo, Música, Língua inglesa.

### INTRODUÇÃO

Atualmente, com as mudanças no mundo moderno, tem-se vivenciado a predominância de muitas tecnologias que capturam a atenção dos jovens e adultos induzindo-os a estabelecer novos paradigmas que marcam a contemporaneidade. A televisão, a internet e o lúdico têm ganhado muito espaço. A televisão tem sido utilizada para veicular todo o tipo de informação, influenciar as pessoas e passar informação em massa; a internet trouxe consigo o acesso quase que instantâneo ao conhecimento; o lúdico sempre fez parte da vida das pessoas e, atualmente, está vivo na rotina do ócio através dos aplicativos de jogos dos celulares. Associados aos eletrônicos que fazem parte do dia a dia, nas escolas, a ludicidade chega a atrapalhar o andamento das aulas, visto que os celulares são constantes instrumentos de

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Letras-Inglês da UFRN– Natal, RN, jadsonguitar2009@hotmail.com;

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Letras-Inglês da UFRN– Natal, RN, jessiclea\_alves@hotmail.com;

<sup>3</sup> Docente do Curso de Letras da UFRN, Departamento de Práticas Educacionais e Currículo, conclucineia@hotmail.com

distração nas mãos dos alunos. Acompanhando o processo, é salutar que o professor some esforços para interagir de maneira amigável com esses desafiadores do ensino. É de valor ímpar que o professor consiga inserir esses recursos em sala de aula de modo a favorecer um ensino de qualidade, uma aprendizagem mais significativa ao alunado.

A internet já dispõe de diversos recursos que vem sendo utilizados antes e durante as aulas, alguns exemplos simples são o *you tube*, site extremamente famoso que atualmente tem sido utilizado para veicular todo tipo de informação, inclusive, de cunho educacional; o *Ted Talk*, que também se trata de uma plataforma de vídeos em que um tema em específico é tratado, no entanto, com muitas informações atuais e de alto valor cultural e tecnológico; o *Kahoot*, site em que o professor consegue montar aulas *online* e, posteriormente, integrando os celulares dos alunos em sala de aula, fazer uso da plataforma coletivamente. Trata-se de um sistema de criação de perguntas exibidas em um projetor que podem ser respondidas através dos celulares dos alunos. Esses são apenas três dos diversos recursos disponíveis que qualquer educador pode fazer uso em sala de aula.

Muito se fala sobre o profissional reflexivo, muito se fala sobre a postura crítico-positiva daquele professor que busca ter boa resposta às aulas planejadas, porque facilitador de um ensino-aprendizagem significativo. Uma boa estratégia para se chegar ao ensino que faz sentido para o aluno está na inclusão de elementos de seu interesse no ambiente de aprendizagem, elementos com quais ele já convive e dos quais se serve no dia a dia. Mas então, com tantos recursos, por que muitas vezes ainda se vê como um grande desafio o uso de recursos tecnológicos ou lúdicos em sala de aula? Diremos que existem dois grandes fatores: primeiramente, a falta de recursos (equipamentos físicos, ambientes físicos e recursos financeiros – olhar que não dispensa a responsabilidade da gestão escolar) recorrente nas escolas. Em seguida, o desafio. Elaborar aulas em que recursos tecnológicos sejam protagonistas demanda pesquisa, tempo e, conseqüentemente, tentativas um tanto frustradas. No processo, o professor passa a ser também um pesquisador de novos recursos, de novas maneiras de perceber o ensino, de novas interações, até conseguir os resultados positivos desejados.

É comum associar o termo professor pesquisador àquele que pesquisa acerca do seu tema de aula e de seu conhecimento específico, e isso é louvável. No entanto, atualmente, em meio à frenética soma de informações e conhecimentos a que somos lançados, para que o professor seja capaz de tornar-se o profissional reflexivo atuante em sala de aula, o professor-pesquisador precisa surgir, atualizando-se e compartilhando o que é, de fato, atual e relevante. Qual o perfil de um professor-pesquisador? Eis a pergunta que incitou a realização de uma

investigação mais apurada, e que este trabalho dá breve notícia, no sentido de buscar contribuição teórica relevante para estudos e delineou os passos de uma *pesquisa-ação* pessoal envolvendo a música no ensino de Língua Inglesa.

Metodologicamente, aqui temos, em termos amplos, primeiramente, reflexões teóricas sobre *pesquisa-ação* e, posteriormente, reflexões sobre as metas alcançadas na *pesquisa-ação* específica “A música como ferramenta pedagógica ao ensino da língua inglesa”, cujo objetivo principal foi centrar esforços na utilização da música como principal recurso didático-pedagógico.

## **METODOLOGIA**

As aulas desenvolvidas no projeto foram norteadas pelo uso de equipamentos tecnológicos de som e imagem como vídeo, TV, caixas de som, data show, afim de inserir o lúdico no ambiente escolar se valendo da tecnologia presente no cotidiano dos alunos.

O projeto foi apresentado junto à escola Municipal Genésio Cabral de Macêdo, da cidade de São Gonçalo do Amarante RN, e desenvolvido com alunos de Ensino Fundamental II, no período de início de abril ao final de junho do corrente ano. Dois momentos distintos, porém, complementares de intervenção foram realizados: no primeiro, o foco foi expor aos estudantes o quão útil e importante é a aprendizagem de um novo idioma e; em seguida, foram desenvolvidas sequências didáticas utilizando a música como recurso lúdico central afim de despertar nos estudantes o interesse pelo desafio de aprender o novo idioma. A *pesquisa-ação* teve como apoio bibliográfico contribuições de Pimenta (2016) e Swanwick (2014) e, principalmente, Ghedin (2018), entre outros, além de discussões coletivas em encontros semanais no Laboratório de Ensino Aprendizagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A experiência nos levou a perceber que a música pode ser usada, eficazmente, como um satisfatório recurso didático em sala de aula

## **DESENVOLVIMENTO**

### ***Pesquisa como metodologia do trabalho profissional docente.***

Na condição de professores, temos a chance de transgredir os limites da sala de aula, promover mudanças, intervenções, trocas espontâneas de experiências e de conhecimento (HOOKS, 1994), o que leva alguns teóricos a pensar no ensino de LE como uma espécie de

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)

transgressão. Muitos teóricos poderiam ser referenciados para corroborar com esta visão; neste trabalho, enfatizamos Ghedin. No ensino de LE, as teorias transgressivas apontam para a imagem “de professores que transgridem os limites normais da pedagogia e ensinam seus alunos a transgredir: a pedagogia como transgressão”, na voz de Pennycook (2006, p. 75), fazendo coro com o referenciado autor. Talvez o maior valor do construto da “pedagogia como transgressão” defendida pela Linguística Aplicada esteja no compromisso de repensar o ensino de LE pensando na “concepção do sujeito como sendo múltiplo e formado dentro de diferentes discursos” (PENNYCOOK, 1998, p. 43). Ao se comprometerem com a qualidade do ensino de LE, os professores se questionarão sobre as implicações políticas deste trabalho e, como um desdobramento, construirão o seu próprio conhecimento crítico (CONTRERAS, 2002). Noutras palavras, os professores de LE passarão a agir como intelectuais críticos e transformadores da sociedade (GIROUX, 1997), porque comprometidos com uma ação educadora responsável.

Sabe-se que a educação leva os homens a se apropriarem dos conteúdos elaborados pela humanidade e, dessa forma, humanizam-se. Cabe ao professor, no processo educativo, portanto, contribuir para o processo de humanização dos indivíduos. No entanto, a escola precisa acompanhar os avanços sociais, reinventar-se, atualizar-se de modo a aliar o saber ao prazer, a tecnologia ao conhecimento clássico, possibilitando a transversalidade, a diversidade e a consonância com os avanços científicos e o novo, sempre presente, atuante, pai das transformações.

Sabendo da constante mudança nos processos de aprendizagem e que muitas são as ferramentas que podem ser utilizadas no processo de ensino, o professor pode e deve fazer uso de algo extremamente valioso: a pesquisa. Ora para auxiliar o educador em suas intervenções na sala de aula, ora para permitir o constante desenvolvimento do discente, a pesquisa exerce um papel importante e torna-se um recurso valioso no processo de aprendizagem, e tanto o professor, apropriando-se da pesquisa, quanto a escola - laboratório de descobertas, ganham dos seus benefícios.

A pesquisa acaba recebendo diversas definições por diferentes autores: Pimenta (2008) diz que o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas; Schon (1992) entende que deve haver na pesquisa a *reflexão sobre a ação* e a *reflexão sobre a reflexão na ação*. O que essas ideias sugerem é o simples fato de existir a necessidade de se refletir em todo o processo de pesquisa, tornando-a ação transformadora, o que implica tanto a necessidade de determinar as ações como de refletir sobre as percepções adquiridas no processo e os seus resultados. As palavras-chave nesse

sentido são *pesquisa-ação* e *professor-pesquisador*, onde ambos se fazem necessários na consolidação e comunicação do saber. O professor, enquanto pesquisador, procura entender o meio em que atua e quais as peculiaridades do seu pequeno universo, ambiente de ensino. De acordo com Rodrigues, ser um bom professor não significa simplesmente dominar o conteúdo da sua área de atuação, “mas sobretudo saber o que fazer com aquele conteúdo que se domina, decidir que uso dará a ele [...] [e] decidir a forma como deve ser transmitido o conhecimento que adquiriu [...]” (2016, p. 21).

Matemática, informática, história, literatura... e tantas outras disciplinas, não passam de meros saberes se não aplicados no dia a dia. Pimenta (2008) questiona o tipo de profissional que a educação tem preparado para a sociedade e quais valores são tratados em sala de aula. Em paralelo a isso, Ghedin (2018) relata a diferença entre informação e conhecimento quando diz: “à medida que o professor reelabora seu saber, transforma a informação em conhecimento”. A sugestão de que existe um valor atribuído na transformação é nítida e é válido reconhecer a atual valorização do empreendedorismo, da criatividade e da autonomia em todas as áreas da vida. No contexto escolar, faz parte do processo de formação de discentes e docentes a reelaboração de saberes e a reinterpretação do meio em que se vive. Mais uma vez a pesquisa e o professor pesquisador ganham importância, peças fundamentais do processo investigativo.

A pesquisa, segundo Ghedin (2018), é utilizada para reelaborar o conhecimento e para aprender a reinterpretar a realidade. Nada mais sensato que refletir acerca do que se vive para, posteriormente, após entendermos quem somos, atuarmos como protagonistas de mudanças necessárias ou desejadas. Com isso, algo muito importante não deve deixar de ser lapidado tanto no professor quanto nos alunos: o senso crítico.

Nesse contexto, o professor pesquisador é quem incentiva o senso crítico, oportunizando aqueles que fazem parte da comunidade escolar a tornarem-se sujeitos executores e protagonistas do ambiente em que vivem. Pimenta(2008) afirma que o estágio pode se dar como atividade de pesquisa. Não se trata de opção, de fato a pesquisa permite tanto ao aluno quanto ao professor a experiência investigativa e, finalmente, o exercício da reflexão.

A partir da pesquisa, cujo ponto de partida é algum questionamento, é possível que determinados grupos venham a elaborar novos determinados argumentos. Diferentes grupos, diferentes soluções. Assim, com a troca de descobertas, em sala, alunos e professores farão uso da pesquisa, sobretudo, para quebrar paradigmas, estereótipos e socializar suas verdades. Tais verdades são o produto da prática da crítica. O questionamento inicial que leva à

pesquisa merece destaque: convenhamos que questionar é um exercício que pode ser inócuo se exercido de maneira equivocada ou arbitrária; a partir do questionamento é que se incita ou não a procura por ações e argumentos que sirvam a se repensar uma dada verdade ou conceito. É bem simples: o questionamento, quando não seguido de ações, é inerte.

Ainda Ghedin (2018) explica como o professor deve atuar como mediador em sala de aula fazendo uso da pesquisa como recurso metodológico. Partindo da escolha do tema, o professor interage, intermedia e auxilia os alunos tanto na elaboração dos argumentos como nas atividades escritas, que obviamente devem existir. Desse modo, o professor participa ativamente como mediador do saber e caminha sempre em busca de transformar informação em conhecimento. O ensino com pesquisa, afirma o autor, “pode provocar a superação da reprodução para a produção do conhecimento, com autonomia, espírito crítico e investigativo” (2018).

É possível destacar três grandes agentes de mudança na vida dos estudantes que se permitam evoluir nos desdobramentos do processo metodológico da pesquisa: a escola, o professor e a já mencionada crítica. Na escola, sem que haja espaço e incentivo, a prática da pesquisa não poderá ocorrer; é preciso o devido suporte. Bibliotecas, salas de informática e abertura para que os discentes possam exercer sua autonomia são elementos cruciais para que mudanças desejadas sejam reconhecidas e implementadas no cotidiano escolar. O professor, de fato, exerce a maior responsabilidade, atento às peculiaridades das descobertas. Ghedin (2018) menciona que cada participante é representante de um determinado saber, também explica que a realidade concreta do cotidiano deve ser desvendada através da reflexão teórica dessa mesma realidade. Cabe ao professor propiciar ao aluno entender qual o espaço que ele exerce nos grupos sociais em que atua. Além disso, cabe ao docente ceder o devido espaço durante os possíveis debates e ciclos de argumentações para que todos os grupos possam ter voz. Por fim, a crítica. Na voz de Ghedin (2018), “a crítica que não transforma é vazia”. O que se espera é que ambos, alunos e professores, ao passarem pelos movimentos do processo de pesquisa, consigam conhecer e transformar a realidade em que estão inseridos.

O tempo dedicado à pesquisa é importante para que o professor se atualize com as novas metodologias, tendências e estratégias de ensino. Saber que existem recursos disponíveis é uma coisa; usar esses recursos de forma eficaz é outra. Novos planos de aula, novas tentativas e o uso dos temas transversais são os desafios que norteiam os desenvolvimentos de aulas em novas configurações. Cabe ao professor buscar motivação para encarar o desafio e proporcionar um ensino diferenciado, significativo.

No contexto desses pressupostos foi que nos colocamos a desenvolver sequências didáticas para ensino de língua inglesa aos adolescentes de um bairro de classe médio-baixa – e é o resultado dessas aulas que dão margem aos apontamentos gerais que seguem.

### **A influência que a música exerce no indivíduo: um estudo genérico.**

Nesse contexto de pesquisa, intervenção, mudança e tentativas em busca de um acerto, enfatizamos um recurso que pode ser utilizado tanto como ferramenta de ensino como também fonte de pesquisa entre os alunos: a música. Se refletirmos um pouco a respeito de como a música nos toca, é fácil perceber que são inúmeras as maneiras: algumas canções nos remetem a lembranças do tempo em que as ouvimos, outras nos deixam agitados, e algumas nos tranquilizam. Não se duvida, há música para todos os estados de espírito e para todos os gostos. Swanwick (2014) diz: “certamente, o sistema nervoso pode ser sobrestimulado por meio do som, algo que muitos de nós conhecemos por experiências em discotecas”. O autor exemplifica como a música nos afeta podendo nos influenciar a dançarmos até nosso corpo não aguentar mais, excedendo os nossos próprios limites. Além disso, para falar pouco, a música sempre está associada a algum contexto histórico, marca uma manifestação cultural. Por trás de cada ritmo ou gênero musical predominante em determinada região, por exemplo, existem inúmeras descobertas que levam a entender o porquê de determinada região ouvir predominantemente um tipo de música enquanto que outra, no mesmo país, a predominância é completamente diferente em estilos musicais. Swanwick (2014) diz que “as instituições deveriam festejar com eventos de arte”. A ideia defendida é de que a música deveria ser inserida no ambiente escolar de forma a ser apreciada, de forma a abrir espaço, incluindo a comunidade onde está localizada.

Acreditando que por meio da música alcançamos o tema diversidade cultural, vemos que seu uso possa ser um grande incentivador de aprendizagem para os jovens. É interessante que, mesmo não focando no tema diversidade durante as aulas, ao se usar uma música com estilo samba, rock, heavy metal ou choro, é possível percebermos, em pesquisa, que determinados ritmos não fazem parte de determinadas regiões, o que pode vir a despertar o interesse de aprendizagem de outras culturas pelos estudantes, para além do âmbito da expressão musical e linguística.

Por ser algo presente e se atualizar constantemente, a música faz parte do cotidiano de alunos em qualquer idade. Sabendo disso, o professor pode pesquisar o que é atual para

cada faixa etária e contexto social e o que poderia ser trabalhado com seus alunos de acordo com os objetivos estabelecidos para cada turma.

Geralmente, em aulas de idiomas os objetivos são predeterminados por grau de fluência, que são diferentes em cada nível de aprendizagem: para os iniciantes, o foco sempre é a aquisição de vocabulário, por isso as aulas são bem limitadas, não permitindo muitos diálogos e impossibilitando grandes debates; os níveis intermediários exploram as sentenças, a oralidade já flui um pouco mais, o que permite ao professor avançar em atividades já não tão limitadas; nos níveis avançados, os debates, o uso das palavras em contextos é mais facilmente desenvolvido, visto que os estudantes já conseguem se comunicar com maior desenvoltura. Nessa etapa, a pronúncia, por exemplo, não é o grande foco, na verdade a fluidez com que o discurso e a leitura são feitos é que são bem mais desenvolvidos. Com isso, algo interessante é que a música se torna extremamente didática. Uma mesma canção pode ser usada para lecionar em diferentes níveis, contanto que o professor planeje adequadamente. Por exemplo, para um nível iniciante, se pode buscar perceber os diferentes sons de cada palavra em uma canção; para um nível intermediário, tentar identificar e utilizar frases seria interessante; tentar discutir o que a canção diz e seu contexto, com um grupo de nível avançado, também funcionaria. Assim, mesmo que de forma rasa, é possível pensar em como se poderia trabalhar a música em sala de aula.

De fato, não se trata de algo simples aliar música e ensino de LE em certos contextos educacionais, o compromisso exige uma aula flexível, mutável, dinâmica, cujo ajuste tende a variar entre uma turma e outra, o que deve ser considerado pelo professor para que a música não venha a se tornar um fardo para os ouvidos ao invés de algo prazeroso.

Ponto fundamental e difícil acerca do ensino de línguas, sabe-se, é fazer que a aprendizagem atenda ao desenvolvimento das quatro habilidades: leitura, escrita, oralidade e compreensão auditiva. O mais interessante é que por meio da música é possível trabalhar as quatro habilidades.

Comumente mais trabalhada nas escolas, a língua na forma escrita é mais acessível tanto para o professor quanto para o aluno. Um quadro e marcador para o professor, caderno e lápis para o aluno e está tudo certo; são poucos os recursos necessários. Além disso, atualmente, o nosso sistema de avaliação de ensino médio somente avalia as competências de leitura e de escrita, o que, em teoria, motivaria tanto o aluno a desenvolver mais essas habilidades quanto o professor em ensiná-las com mais firmeza a cada aula. Por isso, o que nos parece é que a maior parte das escolas privilegia o ensino de língua estrangeira em sua forma escrita. Porém, acreditamos que isso ocorra menos por falta de interesse do corpo



docente e mais por conta de equivocados entendimentos da importância do domínio da língua estrangeira na sociedade brasileira atual assinados em documentos reguladores da educação. Aprender uma língua estrangeira no sistema regular de ensino público requer carga horária semanal apropriada, professores qualificados, e condições estruturais e pedagógicas.

Diferentemente da maneira que o idioma pode e geralmente é ensinado nas escolas, a música pode ser utilizada como uma excelente ferramenta para desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, pois estimula o crescente domínio de vocabulário. Além disso, as letras podem ser lidas e interpretadas pelos alunos com atividades dirigidas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tais pressupostos foram detidamente por nós analisados durante todo o processo de regência das aulas em questão. Estas foram lecionadas de acordo com a disponibilidade de horários das turmas de língua inglesa da escola. Em algumas ocasiões, as intervenções não seguiram o formato almejado em virtude de prioridades da instituição. Contudo, o processo das aulas foi bem interessante: no primeiro momento apresentamos alguns artistas brasileiros que realmente possuíam um bom nível de proficiência no Inglês (Angra). Em seguida, alguns artistas com alguns desvios de pronúncia (Gleify). O fechamento dessa primeira parte se deu com um vídeo clipe. O intuito era despertar nos alunos a ideia de que é possível, sim, atingir um excelente nível de proficiência e mostrar o quão embaraçoso pode ser o uso da língua em baixa performance. As aulas foram muito prazerosas, os alunos gostaram dos vídeos apresentados, da ideia de interpretar e fazer uso da letra da música no cotidiano (o vídeo clipe trata de um pedido de casamento).

Num segundo momento, apresentamos as partes de uma casa e os objetos que nela podem ser encontrados. Antes de iniciarmos a aula fizemos uso de um vídeo com um episódio de Mr. Bean. A introdução foi muito bem aceita pelos alunos visto que todos conheciam o famoso personagem. Após o vídeo introdutório, iniciamos uma sequência de slides: na apresentação exercitamos o seu conteúdo perguntando, por exemplo, se o objeto X é encontrado no compartimento X da casa. Assim, após termos praticado com todas as palavras novas, seguimos para um exercício de redação como forma processual de reforço de aprendizagem da aula em questão.

As próximas foram ainda melhores. Pudemos experimentar na íntegra as sequências didáticas elaboradas. Levando em consideração que o nível dos alunos era condizente com o primeiro contato com a língua estrangeira, tanto a aula inicial, com o tema música, quanto as

aulas seguintes, com os temas alfabeto, números e cores, ofereceram-se como conhecimento interdisciplinar no currículo semestral dos alunos.

O comportamento das turmas foi bastante parecido, os jovens eram curiosos, prestativos e respeitavam os professores em sala de aula. Todos se engajaram bem, participaram nas atividades musicais, foram surpreendidos com os cantores brasileiros que mais pareciam estrangeiros e se divertiram com o cantor Gleify e seu sotaque único. Ao final da última aula, fomos surpreendidos ao interromper o vídeo clipe da música Rude e os alunos estarem tão engajados que insistiram para ver o final do vídeo (parte geralmente cortada por não ser do interesse direto do conteúdo da aula). Finalizamos a sequência fazendo uso da música *Dust in the Wind*, interpretada por Kansas, com um pequeno exercício de percepção fonética.

Em outra turma, a sequência de finalização tematizou o alfabeto, com voluntários soletrando seus nomes. A aula fluiu muito bem, os alunos estavam realmente entusiasmados e participando de forma plena. Finalizamos com atividades centradas na música dos Beatles, *All together now*, esta também muito bem aceita pelos alunos e foco central de várias atividades voltadas às habilidades orais e escritas em língua inglesa. Nos momentos finais da aula fomos surpreendidos quando o porteiro bateu na porta, abriu e disse: “professor, na escola inteira só temos a sua turma em sala”.

Por fim, a sala de aula e os alunos. No processo de desenvolvimento da *pesquisa-ação* para ensino de língua inglesa pudemos sentir como uma aula precisa atender aos anseios dos alunos bem como a importância da música para a educação, tanto na *pesquisa-ação* quanto na atitude crítico reflexiva do professor, podem valorizar o exercício do profissional docente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O final da *pesquisa-ação* foi certamente marcado pelos conceitos discutidos pelos autores que tomamos por base: Ghedin (2018), em maior grau de referência, que enaltece a *pesquisa-ação* e a atitude crítico-reflexiva que servem de fundamento na elaboração e análise dos resultados de cada aula; Schon, que indica a necessidade de haver *reflexão sobre a ação* durante todo o processo de execução dos planos de aula e que tal iniciativa deve ser o norte de qualquer *pesquisa-ação*. Além disso, não poderíamos deixar de mencionar a necessidade da constante atualização que o ensino, hoje, exige do professor. Quando Schon (1992) relata a necessidade de tomar partida em determinada ação, certamente inclui a necessidade da

qualificação profissional. Esta deve partir, primeiramente, da intenção pessoal do educador, como um compromisso e não somente um conceito a ser aplicado durante a carreira por aquele docente que almeja ser um profissional do ensino. A atualização profissional docente, por sua vez, estará constantemente em contato com as novas tendências educacionais que nunca param de se reinventar.

Mudanças efetivas somente poderão ser consolidadas no ensino de LE/inglês na rede pública nacional a partir de um amplo investimento na pesquisa, na formação do professor e na utilização efetiva de tecnologias de ensino. É inegável que professores de Inglês lidam cotidianamente com situações adversas à profissão (LEFFA, 2006; GIMENEZ, 2002; GIMENEZ; JORDÃO; ANDREOTTI, 2005), queixam-se da mínima importância delegada à disciplina no contexto escolar, do desempenho limitado na língua que ensinam, da precariedade de suas condições de trabalho (ARAGÃO, 2008). Todas as reclamações são consequência de uma ausência de políticas públicas sérias e eficazes voltadas para o ensino de LE no Brasil (ARAGÃO, 2010) - condição que vem se arrastando há muitas décadas e não resolvida (ao contrário, reforçada) nos documentos oficiais da educação, os PCNs.

No cenário escolar brasileiro, contrariando a necessidade de uma educação globalizada que ofereça a LE/inglês como língua franca universal, temos professores precisando massivamente dos cursos de formação continuada para exercerem seu papel com alguma segurança e um mínimo de entusiasmo e autonomia. Não é mais possível fechar os olhos para as condições críticas que perpassam o ensino de LE na rede pública de ensino. Faz-se necessário e urgente: criar estratégias para a melhoria da formação inicial dos professores nas universidades; melhorar a qualificação de professores em cursos de pós-graduações, oferecer cursos de formação continuada que atendam às reais necessidades da classe; melhorar a formação para produção e manuseio de tecnologias educacionais apropriadas aos diversos contextos de atuação dos professores da rede pública.

As orientações e discussões promovidas durante a execução da pesquisa foram fundamentais para a transformação de um percurso marcado por algumas frustrações em uma rica fonte de dados para análise dos problemas e desafios que prejudicam a formação dos professores na atualidade. A proposta de construção pessoal promovida pela *pesquisa-ação* centrada na reflexão do fazer pedagógico e na ressignificação dos fatos para a construção do conhecimento e da identidade profissional são imprescindíveis para valorizar o controle e a autonomia de nossa formação.

## REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, R. Emoções e pesquisa narrativa: transformando experiências de aprendizagem. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Londrina, v. 8, n. 2, p. 295-320, 2008.
- ARAGÃO, Daniel Maurício Cavalcanti de. *Responsabilidade como legitimação: capital transnacional e governança global na Organização das Nações Unidas*. 2010. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Instituto de Relações Internacionais. Rio de Janeiro: 2010.
- CONTRERAS, J. **A autonomia de professores**. Tradução de Sandra Trabucco. São Paulo: Cortez, 2002.
- GHEDIN, E.; de OLIVEIRA, E. S.; de GHEDIN, W. A. **Estágio com pesquisa**. Cortez Editora, 2018.
- GIMENEZ, T.; JORDÃO, C. M.; ANDREOTTI, V. (Orgs). **Perspectivas Educacionais e o Ensino de Inglês na Escola Pública**. Pelotas: EDUCAT. p. 49-67, 2005.
- GIMENEZ, Telma. **Trajetórias na formação de professores de línguas**. Editora UEL, 2002.
- GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- HOOKS, b. **Teaching to transgress: education as the practice of freedom**. NewYork: Routledge, 1994.
- LEFFA, V. J. (Org.). **A interação na aprendizagem das línguas**. Pelotas: Educat, 2006.
- \_\_\_\_\_. **O professor de línguas: construindo a profissão**. Pelotas: EDUCAT, 2006.
- PENNYCOOK, A. A linguística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I; CAVALCANTI, M. C. (Org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 23-49.
- PENNYCOOK, A. D. Uma linguística aplicada transgressiva. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**, 2006.
- PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. Coleção Docência em Formação. Série Saberes Pedagógicos. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- RODRIGUES, L. C. B. A formação do professor de língua estrangeira no século XXI: entre as antigas pressões e os novos desafios. **Estud. Linguísticos**, Londrina, n. 19/2, p. 13-34, dez. 2016.
- SCHÖN, Donald. Formar professores como profissionais reflexivos. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, v. 2, p. 77-91, 1992.
- SWANWICK K. **Música, mente e educação**. Trad. Marcell Silva Steuernagel. 1 ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2014.